

O TOKOÍSMO ENTRE A MEMÓRIA E A PROFECIA

Gabriele Bortolami¹

Resumo:

Quais poderiam ser os desafios que se põem a quem quer reviver o carisma profético de Simão Toko, nos dias de hoje mantendo-se fiel à tradição?

Qual a dinâmica entre a profecia que antecede os tempos e a memória ancorada à tradição? Como evitar o escândalo da divisão e dar testemunho coerente na fidelidade ao carisma profético? Em que medida relembrar é viver?

Palavras-chave: Tokoísmo, memória, profecia e Simão Toko.

1. O Professor Doutor Gabriele Bortolami, Antropólogo e Padre Capuchinho, nasceu em Roncaglia (Pádua), Província Veneza (Itália). É Sacerdote desde 1982 e enviado pelos seus superiores para Angola, onde aprendeu muito rapidamente o Kikongo e o Umbundu, tendo elaborado dois Dicionários. A capacidade inigualável de inculturar o Evangelho na terra angolana, em 1996 o Papa João Paulo II o nomeou Vigário Geral da Diocese histórica de Mbanza Congo, uma posição que exerceu com grande habilidade até 2001. O Pe Gabriele Bortolami, é também Professor Doutor na Faculdade de Ciências Sociais/UAN.

O TOKOÍSMO ENTRE A MEMÓRIA E A PROFECIA

Gabriele Bortolami

1. Introdução

Muito obrigado. Eu queria dizer que quem me ensinou, além do contacto estreito com o povo, quem me deu mesmo uma moldura, sobretudo do ponto de vista linguístico, foi sim o Padre **Raffaele Del Fabbro**. Mas também o Padre **Fabiano Peterlini** foi quem me introduziu nesta arte de viver com o povo. Quando esteve em Luanda, ele era amigo pessoal do Profeta Simão Toco e muitas das vezes almoçavam juntos.

Muito bem, agora eu queria dizer que com todos os admoestamentos, ensinamentos e também a maneira de abordar o problema, que com tanta competência o Dr Ruy nos ensina nesta sua publicação, queria dar uma pequena contribuição e depois abrir também o campo de discussão sobre o sistema que pode ser enquadrado do ponto de vista metodológico, de uma grande personalidade como esta².

2. Breve abordagem sobre o campo religioso

2.1. Marx e Bourdieu e o campo religioso

E refiro-me sobretudo à uma pequena publicação em que Pierre Bourdieu, Antropólogo e Sociólogo Francês, que publicou na Revista Francesa de Sociologia. Trata-se de “*gêneses espirituels de du tá duché...*”, publicado em 1971. Porquê que eu cito Pierre Bourdieu? Porque para percebermos e colhermos os **factos religiosos**, os homens instituiram nos diferentes contextos sócio-culturais e histórico-culturais, diferentes molduras, diferentes abordagens.

Temos a abordagem de Marx, Durkheim, Weber, e também temos instâncias teórico-metodológicas válidas para definir o campo social e cultural. Isto é que é importante, sobretudo naquilo que diz respeito a religião e os seus sectores nos diferentes momentos e contextos, nos quais, distinguem-se e se subdividem as crenças, os cultos e sobretudo as manifestações religiosas. Portanto, religião e sociedade que no pensamento de Marx colocados em relacionamento dialético de estrutura e sobreestrutura, a clássica teoria Marxiana. A estrutura econômica e social determina a sobreestrutura religiosa e sobre todas as soluções que em prática Marx sustenta a cerca da organização social, da religião, da ética, da metafísica e da ideologia ultimamente reconhecido. Mas isto é segundo Marx.

Marx escreve exactamente naquele livro sobre a Ideologia Alemã, eu tenho uma publicação de 1971, “*não possuem história, não possuem desenvolvimento, mas os homens é que desenvolvem a produção material, e os relacionamentos materiais e transformam tudo isto juntamente com a realidade de onde eles vivem, o pensamento que eles afirmam e os produtos do pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência*”. Portanto, é outra abordagem da vida, é a experiência, ou seja, o título desta obra seria o carisma: a abordagem imediata, algo que se torna depois no chamado, eu vou aderindo e vou me entusiasmando. É algo que eu gosto, que sinto que me dá sentido na minha vida. Mais tarde, depois se coloca a reflexão, a abordagem teórica. Mas

2. Refere-se de Simão Gonçalves Toko.

primeiramente temos um contacto, quase que nós consumamos dizer de fé. Isto é que Marx aponta.

A partir deste facto, Bourdieu releva um outro elemento, ou seja, vai fazendo uma individuação do campo religioso, que foi elaborado socialmente pelos especialistas do sagrado, no âmbito, por exemplo, da divisão social do trabalho, no qual se colocam também os especialistas do sagrado, ou seja, no contexto do trabalho intelectual, adquirindo a especialização religiosa, e portanto, fundando a religião. Aqui poderia haver uma síntese de todo o trabalho que fez o Professor Ruy Blanes.

2.2. Subdivisões do campo religioso

Nesta mesma senda, os especialistas elaboram diferentes campos históricos-culturais. Há uma própria organização operativa, de controle, da ortodoxia religiosa com as crenças, crenças que se podem definir mito-polieticas, com os cultos relativos, os rituais do ponto de vista litúrgico. É desta maneira que formam-se instâncias proféticas, messiânicas que podem transformar-se em organizações eclesiásticas que controlam o campo religioso e administram os bens do sagrado. E esta é uma terminologia do qual Pierre Bourdieu gosta, tornam-se “*operadores do sagrado*”.

Nestas instâncias, se podem derivar algumas divisões a cerca do campo religioso. Subdivisões sempre no âmbito socio-cultural. É um campo específico da Antropologia. Portanto, temos os sectores da **heresia**, os sectores da **heterodoxia** e os sectores da **magia**, aquilo que numa terminologia não própria poderíamos dizer magia. Portanto, todos os operadores que no próprio sector são competentes e administram as crenças e as diversas práticas. A respeito a Marx, Bourdieu coloca aqui em estreito relacionamento quase mecânico e não é muito estrito, a estrutura e a sobreestrutura. Esta sobreestrutura ética que faz parte deste estrutura produtiva pelos especialistas do sagrado torna-se autónoma. Portanto, a fé religiosa torna-se também socialmente instituída, reconhecida e torna-se coagente, porque elabora estruturas éticas e sociais que formam a comunidade.

2.3. Sistema religioso

Portanto, a sobreestrutura religiosa e do outro lado a fé, tornam-se o princípio que guiam o ser e o dever ser no mundo e no além, que se torna escatologicamente instituído. É daqui que nós podemos enquadrar do ponto de vista metodológico-teórico a génesis e a estrutura do campo religioso enquanto administração dos bens relativos ao sagrado. E Bourdieu toma mesmo como elementos fundamentais da obra principal de Emile Durkheim, esta famosa obra sobre “*As formas elementares da vida religiosa*”, onde o **totem** constitui uma representação quase incôncia, imediata e simples, com o qual uma dada sociedade venera-se a si mesma e sacraliza o próprio símbolo. Sobre tal sistema religioso, segundo Durkheim, se fundam diferentes normas éticas institucionais que regem e mantêm a sociedade unida, e dando conhecimento sobre aquilo que diz respeito ao sentido e ao consentimento de toda a realidade natural e social.

3. Memória

Enfim, temos uma outra específica vertente que eu queria abordar, e me refiro mudando a partir de Bourdieu até Lévi Strauss. Lévi Strauss, eu queria aprofundar sobretudo a uma

entrevista que ele concedeu a um grande ideólogo Francês. E aqui eu tomei algumas luzes para poder elaborar esta dinâmica entre memória e carisma.

Memória é o que? **Vo tuna yindula, banza tubanzanga. Vo tuyindulanga, vo tuyindula kwa nani? Kwa muntu una watuvene ensiku, watuvene enswâ, watuvene dyaka elusansu. Votuyikidi lusansu, nki tufwete vanga? Setukitukidi bonso Ngwembo? "Ngwembo mayalalele. E ngwembo kondele kanda ... kundilee³".**

Porque digo isto? Porque é a partir deles que nós temos esta sabedoria e o interesse que nos alimenta em abordar e aprofundar estes elementos. São eles que nos indicam, são eles que nos seguram. É deles que nós extraímos aquela sabedoria, para poder também se interessar, descobrir, elaborar e teorizar. E isto é que nos dá satisfação.

Por isso é que deveria ser grande o interesse do ponto de vista cultural que nos anima em abordar personalidades como estas. **Obrigado por este acontecimento da pessoa do Profeta Simão Toko.** Portanto, trata-se de construir reciprocidades na abertura para acolher o mundo do outro, numa dinâmica que se torna quase “uma ginástica”. Um caminhar na experiência religiosa Tokoísta e que se torna como um instrumento de comunicação. É aqui onde eu queria reflectir um pouco. Porque comunicação?

Mongo ye mongo kutakana kebakutakananga ko. Ke wawoko? Muntu ye muntu avo kebakutakanangako. Ambuta batá Kingana vo: “Bakala dyâ, bakala mokena”. Yisyavo, moko tuna wawu. Vo tuna mokena, kyeleka kibeni, wawu tuzeyevo, nki muntu ndyoyo una banza, nki ngindu zandi. Nkasi, vo katumokenanga ko, kyampila tulendele zayawo. Yisyavo, disundidi wete kutakanu. Elukutakanu yi lusansu lwa Dibundu. Kutakana muna Dibundu, mukuma kya nki? Kamusambilá kakako. Mukuma kya mokena yeto ye yeto. Bika tufwete baka engindu umosi, ntima umosi, luzolo lumosi. Ekuma kadi, Nzambi katubokele tufwete dyaka kuntwala. Ke wawoko? Yiawo⁴.

4. Dimensões da profecia de Simão Toco

Mas não em antagonismo, nem também em exclusivismo. Pois, seria reduzida a experiência religiosa à uma das Classes Sociais, Pois, tudo é aqui e agora, numa dimensão que nos enche de interesse pela expressão cultural e que se manifesta na celebração da memória colectiva do Profeta Simão Toko. **A maneira, portanto de considerar e estudar este interessantíssimo campo religioso, deve ser totalmente nova e complementar**, como o Professor Ruy nos ensina. Ou seja, colocada numa dimensão constitutiva do ser humano, onde o sistema religioso é a parte constitutiva do ser humano, o conhecimento, a cultura.

3. Se estivermos a reflectir é porque pensamos sobre alguém. Pensamos sobre alguém que nos deixou normas, autorizações (mandato) e história (legado). E quando dizemos historia, o que devemos fazer? Será que vamos ser como o morcego que pela sua natureza não pertence nem ao reino das aves, nem ao reino dos ratos?

4. As montanhas não se encontram. É ou não assim? Mas as pessoas se cruzam. Os nossos mais velhos deixaram-nos um provérbio que diz: “estavam comendo enquanto conversavam”. Quer dizer, temos um encontro. Quando estamos dialogando com alguém, é verdade que temos que saber quem é este e quais são os seus pensamentos. Mas se na verdade não nos comunicamos, de que forma o poderemos conhecer? Quer dizer, é deveras importante que nos reunamos. Estamos nesta Conferencia por causa da historia da Igreja. Não devemos apenas realizar cultos, e porquê? É necessário que dialoguemos entre nós sobre o que somos, visto que proporciona a oportunidade para que tenhamos o mesmo pensamento, o mesmo coração (sentimento) e o mesmo amor. Isto porque Deus chama-nos para que possamos progredir para frente. Não é assim?

Isto é, tudo aquilo que é recebido por nós completa este quadro, onde nós examinamos a continuidade que deve se estabelecer entre, dum lado a **memória**, e do outro lado a **dimensão diacrônica da profecia**, ou seja, esta dimensão que se alarga na história. A diacronia é um percorrer estes caminhos, estes desertos cheios de significados, mas também difícil de serem interpretados, **onde a memória nos lembra, mas o carisma se tornou o motor da nossa história.**

Portanto, há preces que nós colocamos em acto e que dizem respeito, seja a **dimensão cultural**, como também a **dimensão natural**. É evidente que a **dimensão religiosa** é um fenómeno da nossa existência humana. E a vida assim se explica, como um conjunto de diferentes dimensões, que passa-se da dimensão da vida, da experiência, à uma dimensão mais elaborada na vida religiosa propriamente Tokoísta.

- a. **Portanto, relembrando o Profeta Simão Toko naquilo que diz respeito a ordem da natureza e a ordem da cultura, o que é que poderíamos portanto apreender um pouco?** Devemos perspectivar um conjunto de linhas teóricas interpretativas, que já no seu trabalho o Professor Ruy nos ilustra, para abrir caminhos que possam ser percorridos: sistemas e métodos que possam ser adoptados;
- b. **Existem programas que permitem a compreensão e que permitem ao Tokoísmo ser abordado cientificamente?** Sim! Há factos, há pessoas e também há circunstâncias materiais, históricas que fixam etapas extremamente certeiras que possam ser também partilhadas à todos;
- c. **Há estruturas inseridas dentro do fenómeno religioso Tokoísta que permitam e sirvam mais do que as atitudes religiosas em geral de pode-los compreender?** É uma pergunta.
- d. **Ou devemos simplesmente confiar na experiência individual, ou seja, no entusiasmo pelo divino que suscita a abordagens ao Tokoísmo?** É necessário que haja, como também quando se aprende uma língua, **uma parte estrutural, uma gramatical** - de regras. É claro que para nós estarmos juntos, é preciso de intuir e respeitar determinadas regras que nos mantém juntos, se não iríamos nos desperdiçar. É a mesma coisa quando se aprende uma língua. Portanto, há uma parte temática - doutrinal sobre a qual convergimos e que fica como memória histórica, tradicional a ser celebrada num presente que muda.

E fwanisu kibeni ya mbuta muntu tuna wawu! Kawauko e? Wawu fwanisu kyeleka, vo tuna tala kwa yani muntu, haaa! “Kyeleka, mono fwete singika enzila, ha! Yandi ítala. Lumbu kina yandi katuvovesevo, tata! E wawu kilendi vanga embiko. Yisyavo, yandi una kutusingika, yandi una kutusikidisa ye yandi mpe una kutudyatisa kuntwala. Ekuma kadi, muntu ndyoyo ntemu waluzingu lweto⁵.

5. Como gerir o que vem de fora e preservar a riqueza que possuímos por dentro

5. Nós temos o retrato do mais velho Simão Toko. Agora o reflexo da verdadeira imagem poder ser visto nele (no Tokoísta). E ele diz: “é verdade, devo endireitar a minha forma de ser e estar. Vou seguir os seus ensinamentos e orientações. Da outra vez ele nos havia dito pai. De agora em diante não posso praticar o mal”. Isto é, ele está a orientar e a corrigir e nos faz caminhar para frente. Isto porque ele é a luz para as nossas vidas.

Portanto, assim deve ser celebrado num presente que muda constantemente, sob os desafios da profecia. **Há um filtro que se deve aplicar** sobre o que vem de fora do Tokoísmo e uma realidade que se deve ser conservada e preservada sobre aquilo que vem de dentro do Tokoísmo. É esta dinâmica entre o fora e o dentro que nós devemos aprender a gerir.

Não é dito que aquilo que vem de fora possa tornar duvidosa a memória tradicional que nós guardamos daquilo que temos dentro. Um exemplo concreto, é este livro do Professor Ruy e a história que teve connosco e todos os seus estudos que ele levou. Só nos constróem dentro, não nos colocam dúvida. Só nos constróem dentro. E é essa dinâmica que nós devemos estabelecer entre o que vem de fora e a riqueza que nós temos dentro.

Porque se nós damos o carisma, se nós transmitimos este grande conjunto de saberes preciosos que animaram a vida do Profeta Simão Toko, e também na história são dados, estão os nossos jovens começam, **ah, ndungidi**, (ah é verdade), apanhei um bom sentimento agora, porque a final os velhos me indicam o caminho. **Ambuta avovanga vo: “zita, zita, zita, zitazyana”**. **Kaluzeye ekingana kyaki? Vo tuna dyatisa mu nzila ye tuna nata ntente a mbasa, swa, swa, swa, zita, zita, zita, zitazyana. Yisyavo, konda kwa luzito, mpasi mudyatisa kuntwala esalu kyetu dya Dibundu**⁶.

A lógica que sustenta a abordagem por exemplo dum fiél Tokoísta, nem é diferente da lógica que sustenta, quem quer experimentar e compreende-lo à partir de fora. São os tais ditos outsiders. De facto, nós possuímos todo uma série de mecanismos que colocamos em acto e que pensamos serem particularmente aptos a abordagem religiosa, que por acaso, podem ser também manipulados ideologicamente, e aqui temos que ter as orelhas bem levantadas. Também pela forma com a qual o mundo exterior é percebido e enfrentado.

6. O papel de mediação da profecia

Mas nem sempre haverá uma atitude particular fora da abordagem teórica, gerando os fenómenos religiosos, pois, trata-se da mesma maneira com a qual nós aprendemos uma língua. **Quem cultiva uma formação teórica-litúrgica, estabelece leis que permitem uma abordagem consensual e que nos guiam, como se fosse uma gramática que todos nós podemos possuir, para podermos falar a mesma língua**. Pois, trata-se de uma interacção entre o sistema da memória e a novidade que provem da profecia, como se esta profecia fosse delegada a tarefa de mediar entre o que vem de dentro e os desafios dos que vem de fora.

Mas há uma parte interior íntima, quase ingênuas que constituí a dimensão do carisma, sem a qual não poderíamos possuir convenções, valores determinantes pelo nosso comportamento. Nesta esfera que poderia ser a natureza do Tokoísmo, somos teoricamente determinados como resultado de um programa no qual, nós todos devemos nos perceber um ao outro, como dois. Não como inimigos ou adversários, mas como dois. Isso determina o desenvolvimento e a irradiação do Tokoísmo: é o **Mayamona de Simão Toco que serve como programa de todas as dimensões delegadas a filtrar o que vem de fora**.

6. Os mais velhos dizem que devemos nos ajudar, aliviando o peso um do outro. Não conheceis o provérbio que diz que devemos nos ajudar “**quando estais a caminhar carregando um certo de palmeira no obro**”? Isto é, se não haver respeito, torna-se muito difícil conduzir o trabalho da Igreja.

Esta parte da memória permanecerá viva sobre a solicitação, o interesse e as novidades duma outra dimensão, ou seja, aquela profética. Poderíamos dizer portanto, que o nível do carisma faz referência à memória e o nível da diacronia histórica é estreitamente ligado a dimensão profética do Tokoísmo que é determinada pelo carisma profético.

Tudo isso é determinante pela orientação individual Tokoísta. É dimensão carismática, que não é facilmente reconhecível, porque permanece no fundo da experiência profética. Nós, como é que podemos reconhecer-lo? **Através dos factos da história, através daqueles pontos que também o Professor Ruy fixa com datas. São momentos fundamentais para perceber Simão Toco.** As Igrejas se manifestam por serem qualificados por uma certa ordem interna, um compromisso exterior, umas crenças específicas, umas instituições sociais, mas são factores macroscópicos complexos. Não se vê como a partir de categorias estruturais, se possa definir uma experiência religiosa ou definir até a genuíndade do carisma. **Como se pode fazer isso?**

7. A festa do encontro

A experiência religiosa Tokoísta definiu que possuímos categorias indentitárias que nos qualificam como Tokoístas. Portanto, há um fundo de memória histórica que continuamos a celebrar e que se encarna pasticamente em crenças, ritos, e instituições religiosas. Portanto, no futuro movimento Tokoísta, é necessário que se realize, não somente nesta celebração de memória de Simão Toko, mas também um outro elemento. Qual é? **A FESTA DO ENCONTRO.**

Enkinzi a lukutakanu lweto, kutakana tukutakananga. Dyambu dimosi kaka tuna dyau, dyambo dya nenê nkutu, yisyavo, nki tuna tala? Muntu ndyoyo tuna indula, tala una vovala, tala una kena. Ah, mono kilendi landa engindu zozoko. Mu kuma kya nki? Ngindu za nswanswani, yi syavo, é a divisão, é a fratura⁷.

Como se pode então? É o encontro entre duas partes divididas. É a festa do encontro que iria trazer uma vida nova, uma vida nova à todos, e todas estão a esperar desta novidade. Muitos face aos novos acontecimentos, preferem até ficar em casa e a rezar sozinhos. São um poucos frustrados. **É o escândalo, este é o escândalo que ofende a memória do profeta Simão Toko.** Este passo deveria ser dado em profunda comunhão com a tradição que é representada pelos 12 Anciões do Templo.

No templo, verifica-se e verificar-se-á ainda um outro encontro. Ou seja, o encontro entre os jovens por um lado e os Anciões por outro. Os Anciões recebem os jovens e os jovens aprendem com os Anciões. Com efeito, no Templo, os jovens encontram as raízes do Tokoísmo. O que é importante, pois, é a profecia de Deus que não se realiza individualmente e duma só vez, mas que continua conjuntamente e diacronicamente ao longo da história.

8. A rotinização do carisma do profeta Simão Gonçalves Toko

7. A festa do nosso centenário. Apenas temos aqui um único assunto a tratar. Estamos a reflectir sobre este homem, “*olha como ele falava, como ele era. Áh, eu não posso seguir os seus ensinamentos. Porquê? É que tenho ideias divergentes dele*”.

Segundo o Professor Blanes, aqui cito um passo que escreveu no seu livro «...*Como é que se reproduz um atributo tão pessoal como o carisma? Para muitos autores na esteira de Weber, o carisma não é reproduzível com processos de rotinização, burocratização. A comunidade emergida em volta de um líder carismático, não é possível de recreação, mas convertem-se numa estrutura política organizada, a partir de directrizes supostamente editadas pelo líder desaparecido...*

Não é fácil, porque aqueles que são envolvidos e comprometidos na visão global dum mundo como este no qual nós vivemos, regressar a autenticidade do carisma, mas a todo um conjunto de experiências possíveis, entre os quais aquele que nós estamos celebrando, que estabelece um fundo identitário definindo como Tokoísta. E portanto, **conclui-se que existe um fundamento carismático que anima as instituições e as crenças religiosas, que nem sempre é fácil a serem especificados e determinados.**

Mas há ainda uma outra dificuldade. Trata-se de uma fractura muitas das vezes esquecidas quando se trata de compreender um fenómeno religioso tal como o Tokoísmo. Os teóricos constantemente se esforçam em determinar, e é a primeira ambição deles, de esforçar-se e de estabelecer uma espécie de filiação entre os fenómenos naturais e os fenómenos culturais.

Por exemplo, se esforçam de fazer derivar o **carisma profético Tokoísta**, da Igreja Tokoísta através de um núcleo teórico doutrinal. A este respeito, se estabelece um conjunto de relações que definem o papel do Tokoísmo dentro da sua comunidade, em seguida um conjunto de relações que colocam o Tokoísta dentro da sua Igreja. E nesta senda, constitui-se uma série de relações que colocam o Tokoísmo dentro da sociedade em geral. Mas sabemos que para um grupo social exista, é necessário que haja famílias que por si próprio decidam conservar não só as próprias instituições, mas também a alma que anima os jovens a agir.

É conhecido que após o momento forte vivido que determina a genuidade da experiência religiosa carismática, segue momento institucional de encarnação, que podemos definir como **Dibundu (Igreja)**. **É a estrutura que anima a comunidade dos crentes.**

A intimidade deixa lugar à estrutura, ao entusiasmo da descoberta segue-se o momento reflexivo, um momento institucional, um momento destinado a encarnar o carisma na realidade. **Qual é o risco? É aquele de construir estruturas sem alma. E esse é o problema. Grandes palácios por indivíduos que sofrem de solidão. Este é outro grande problema.**

Em geral, deduz-se logicamente a partir das premissas teóricas que sustentam a aplicação prática, **o Tokoísmo não se pode sustentar sem as raízes da fé, porque a fé não é uma noção que se pode aprender num livro, mas é a arte de viver com o dom da profecia na Igreja: a arte de viver com Deus iluminados com o carisma profético de Simão Toko, que se recebe da experiência dos que nos antecederam no caminho e que caminharam com ele.**

Assim, encontrando os Anciões, os jovens encontram-se a si mesmos e se identificam, tendo a certeza da transmissão, da entrega do carisma dentro das proporções tidos convenientes.

Nós apuramos que dentro da Sociedade Tokoísta, tudo é derivado duma fonte e esta fonte é o carisma profético de Simão Toko.

Haverá novidades que não escandalizam, pois, nascem da **encarnação histórica temporal do carisma na sociedade concreta**. Neste sentido, é dentro da lógica da constituição de sociedades que tudo nasce do interior das experiências proféticas⁸.

Mas é evidente que do encontro das duas realidades diferentes para derivar uma à outra, que se destacam mesmo que tendo as próprias leis, no complexo sistema de comunicação e de transmissão dos saberes. É somente assim que os novos são formados e reconhecidos pelos mais velhos.

Longa mwana kwenda ku zandu, kulongiko mwana tuka kuzandu. Longa mwana kwenda ku makinu, kulongi mwana tuka kumakinuko. E mbuta ze antu, fokwele kwame. Lwandoloka, ntangu yi fwene. Mono kina ye dyambu dya yingi dya kulusunzula. Yisyavo, luzolo kaka toma zingila kintwadi ye yeno owunu. Ekuma kadi, kyesé kaka tuna kyawu muna nsya ntima. Mfonkwele kwame. Wavova dyambu dya tonda Mfumu ye Nganga⁹.

8. Não é o caso da aludida personificação de Simão Toko que tanto se fala no universo Tokoísta.

9. Ensina a criança ao ir ao mercado e não no seu regresso. Ensina a criança ao ir na dança (festa) e não no seu regresso. Mais Velhos, vou terminar, perdoem-me, porque o meu tempo terminou. Já não tenho mais questões para expor. Apenas o ardente desejo de estarmos juntos hoje. Isto porque sinto-me muito alegre no fundo do meu coração. Termino. Falai algo que seja agradecido pelo soberano e pelo sacerdote.